Nº 712 2º 4

SERMAÕ
DO
GLORIOSO PATRIARCA
S. FRANCISCO,
QUE PREGOU
NO CONVENTO DE S. JOSEPH DE RIBA MAR
O PADRE MESTRE
FREY ANTONIO DO NACIMENTO
MOCAMBO,
Religioso Arrabido, e Lente de Prima de Theologia;
OFFERECIDO
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY,
E SENHOR NOSSO
DOM JOAÕ V.
QUE COM SUA REAL PRESENÇA, E A DO
SERENISSIMO INFANTE
DOM ANTONIO
DERAM ALENTOS AO PANEGYRICO,

Dado á Imprensa por hum devoto da Provincia da Arrabida.

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA DA MUSICA M.DCC.XXVI.
Com todas as licenças necessarias.

L 2678 2/589

LP
252.02
A1687s

LP
18
62

SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

A PRIMEIRA acçaõ de expor, preſente V. Mag. eſte Panegyrico foy filha da obediencia; nem outro pudera ſer o motivo, que me obrigaſſe a cortar pelo conhecimento proprio. A ſegunda de fazer agora manifeſto a todos o que talvez ficou na urbanidade occulto, precedeu de efficaz empenho: naõ querer cahir no abſurdo de deſagradecido, me conduz ao exceſſo de temerario. Conheço o riſco, e buſco o refugio; o refugio he a protecçaõ de V. Mag. o riſco he a cenſura da

minha inſufficiencia: e ainda que eſta he incomparavel, a [illegible] indefectivel. Se bem, q̃ como a humildade da obra naõ ba[illegible]s para ſubir, nada lhe fica que deſcer; nem a inveja pro[illegible]re-gos, em que naõ adiante os paſſos. Eſta conſideraçaõ fo[illegible] e for-çoſa para deſtruir a mayor repugnancia, que em mim achou o em-penho de quem procura eſtampar eſte Panegyrico: porèm voltando ſobre as circunſtancias delle, achey que ainda aſſim era preciſo buſ-car amparo; porque ſe naõ livra de emulos a gloria, que lhe deu a preſença de V. Mag. e a fortuna, que lhe communicou o objecto do noſſo applauſo; por iſſo ſeguindo a advertencia de huma Pe[illegible] douta, olhey que vinha muito a propoſito huma cautela juſta: Sæ-pe experimur hoſtes maiores, quos ut minores contempſimus. Cauſa, porque ſe atreve a buſcar nos pés de V. Mag. eſta groſſ[illegible]ra reſpiraçaõ do meu diſcurſo o deſafogo ſem ſobreſſalto; pois he o lu-gar, em que a poſſo reconhecer ſegura, e nunca mais venturoſa: porque, tendo-o ſido no primeiro alento, que a Real preſença de V. Mag. lhe permittio, fez preſſagio felice para eſte ſegundo impulſo; e como o animo de V. Mag. he ſeyo, em que cabem unidas a gran-deza, e a piedade, na piedade prevejo felicitado o rogo, e na gran-deza protegido o raſgo. Guarde Deos a Peſſoa de V. Mag. inu-meraveis annos, e lhos proſpère, como lhe pedimos.

Fr. Antonio do Nacimento.

LICENÇAS.

DA ORDEM.

Fr. Juan de Soto, Lector Jubilado, Theologo de S. M. en la R. Junta de la Immaculada Concepcion, Commissario General de toda la Orden de nuestro S.P.S. Francisco en esta Familia Zismontana, y de las Indias, y siervo, &c.

POr el tenor de las presentes, y por lo que a nós toca, cõcedemos nuestra bendicion, y licencia al P. Fray Antonio del Nacimiento, Lector de Theologia, y hijo de nuestra Provincia de la Arrabida, para que, constando de la aprobacion del R. P. Fr. Antonio de la Piedad, Lector de Theologia, y Diffinidor actual de la misma Provincia, (a cuyo examen le cometemos) pueda dar a la prensa un Sermon de nuestro S. Padre S. Francisco, que ha compuesto, y predicado en nuestro Convento de S. Joseph de Riba mar, guardando en lo de más los Decretos del Santo Concilio, y las Reales Pragmaticas de S. Mag. Datum en este nuestro Convento de San Francisco de Madrid en 9. de Henero de 1726.

Fr. Juan de Soto, Commissario General, y de Indias.

CENSURA DO R. P. M. Fr. ANTONIO da Piedade, Qualificador do S. Officio, e Definidor actual da Provinca da Arrabida, &c.

EM virtude da Patente assima do nosso R. Padre Cõmissario Geral Fr. Joaõ de Soto, Leitor Jubilado, e Theologo na Junta da immaculada Conceiçaõ, li o Sermaõ, que na Festa de nosso Serafico Patriarca prègou neste Convento de S. Joseph de Riba mar o Carissimo Irmaõ Fr. Antonio do Nacimenro, Lente de Theologia de Prima, e filho meritissimo desta nossa Provincia da Arrabida. Confesso que com esta liçaõ moderey de alguma sórte o pezar, que tive de naõ ser hum

4/389

hum dos ſeus ouvintes. Contentava-me ſómente com o elogios, que lhe davaõ os que tiveraõ a fortuna de l
Bem ſabia eu que todos lhe eraõ devidos pela po
tem adquirido nos eſtrondoſos brados da fama, pois que em qualquer Sermaõ, que prèga na Corre, ou outro qualquer lugar, ſe empenha glorioſa em lhos repetir, fazendo-o tambem das meſmas ſolennidades repetido Orador. Por eſte motivo ſem duvida lhe declara o elevado do talento, e com mayor acerto no preſente Sermaõ, em que igualmente ſe admira erudito, eloquente, noticioſo, e delicado Eſcriturario. He o aſſumpto declarar ao noſſo Serafico Padre Rey dos Santos, e Santo dos Reys; e ſendo eſte aſſumpto taõ Real, havendo a razaõ preciſada como a minha pela obediencia dizer o que ſente, digo que, ſendo a Aguia feliz auſpicio das Mageſtades para os luzidos creditos dos ſeus Imperios; a noſſo Padre Rey dos Santos, e Santo dos Reys ſó eſte Prègador como Aguia taõ remontada he que podia bem declarar o ſeu dilatado dominio. Ficará de todo ſatisfeito o meu jubilo quando veja eſte Sermaõ communicado a todos na Imprenſa, de que he digniſſimo, pois naõ tem couſa contra noſſa Santa Fè, ou bons coſtumes, que a deſmereça, antes ſim por todas ſe faz merecedor do que o ſeu Author pretende. Eſte he o meu parecer, ſalvo meliori judicio. Convento de S. Joſeph de Riba mar 22. de Janeiro de 1726.

Fr. Antonio da Piedade.

OO

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M.R. PADRE MESTRE *Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI o Sermaõ, que no Convento de S. Joseph de Riba mar prègou o M. R. P. M. Fr. Antonio do Nacimento Mocambo, Religioso Arrabido, e Lente de Prima de Theologia; e nelle com particular agudeza, e singular erudiçaõ mostra que seu Serafico Padre S. Francisco foy o Rey dos Santos, e o Santo dos Reys, e com tal agudeza o prova, que naõ será temeridade, quando por este Panegyrico o julgue ou por Principe dos Prègadores, ou por dignissimo Prègador dos Reys. Naõ tem cousa contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, e assim o julgo por muito capaz de se imprimir. Convento de N.Senhora da Graça de Lisboa Oriental 14. de Novembro de 1725.

O Mestre Fr. Alvaro Pimentel.

CENSURA DO M.R. PADRE MESTRE *Doutor Fr. Antonio do Sacramento, Qualificador do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI o Sermaõ, que a Periçaõ expõem, e me parece dignissimo de sahir a luz. Porque o Prègador (seguindo as maximas dos que o sabem ser) tratou muito de conformar o seu assumpto com o Auditorio, e como a este o fez tres vezes grãde a Real presença do nosso invictissimo Monarca, para hum Auditorio maximo era preciso ser o assumpto do Sermaõ a todas as luzes *Regio*.

5/389

Mas, se o Prégador pela sua profissaõ teve a fortuna de dar a conhecer por filho de hum Patriarca, que he o R. Santos, era quasi necessario advertir em outro Rey, que suas operações se tem feito superior a todos os Monarcas. De meu grande Patriarca S. Francisco o diz assim o Prègador no seu Sermaõ; do nosso sereníssimo Monarca naõ basta, que o confesse assim o Mundo presente, porque o excede; eraõ necessarios mais Mundos, eraõ necessarios os Mundos, porq̃ Alexandre suspirava: porque, como a todos elles havia de chegar o seu amplissimo, e magnifico coraçaõ, só estes Mundos multiplicados poderiaõ fazer confissaõ verdadeira de que pelas suas acções Regias se tinha feito hum preclarissimo realce sobre todas as Monarquias. Deve pois sahir logo a luz o Sermaõ, para q̃ o Mundo admire unidas nelle cá na terra as duas Fortunas, que os Mathematicos avistaõ unidas lá no Ceo. A Fortuna menor, que mostra, e manifesta a filiaçaõ do Prègador, a Fortuna mayor, que expõem a Real presença, e protecçaõ de hum Monarca, que he o excesso do nosso Mundo presente com inveja de todos os Mundos possiveis. Por estas cousas, e por naõ ter cousa contra a nossa Fè, e bons costumes, se faz digno o Prégador de se lhe conceder a licença, que pede. S. Domingos de Lisboa Occidental em 20. de Novembro de 1725. *O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.*

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. MESTRE DOUTOR Fr. Joseph de Lima, Lente de Theologia, &c.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

TEnho visto o Sermaõ, que o M. R. P. Fr. Antonio do Nacimento Mocambo, filho da religiosissima Provincia de nossa Senhora da Arrabida, Lente de Prima de Theologia,

prègou no Convento de meu Senhor S. Joſeph chama-Riba mar neſte preſente anno na Feſta, que em todos faz S. Mag. que Deos guarde, ao grande Patriarca S. Franciſco de Aſſis. E lendo-o com a attençaõ, que pedia a materia, naõ achey nelle que cenſurar, muito ſim, que admirar no elevado do aſſumpto, que ſeu Author ideou, no claro dos conceitos, que propoz, no elegante das provas, que expendeu, no eloquente das amplificaçõ̃es, com que exornou os diſcurſos, e no veridico das narraçõ̃es, com que completou o Panegyrico, germanãdo com felicidade rara o conceituado com o hiſtorico, moſtrando finalmente o ſeu grande talento, e o bem, que com o ſeu eſtudo, e applicaçaõ o ſabe aproveitar. E aſſim julgo que bem pòde V. Illuſtriſſima conceder licença, para que ſe imprima. Carmo de Lisboa Occidental 25. de Novembro de 1725.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Fr. Joſeph de Lima.

DO

DO PAÇO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. JOAM DE AZEV[illegible]

Lente de Theologia, e Examinador Synodal, &c.

SENHOR.

POr mandado de V. Mag. vi o Sermaõ, de que eſta Petiçaõ trata, que V. Mag. ouvio, e no ſeu Convento de S. Joſeph de Riba mar prègou o Padre M. Fr. Antonio do Nacimento Mocambo, Religioſo Arrabido. Quando li o nome do Author, logo aſſentey comigo que tudo neſte Sermaõ ſeriaõ verdades Theologicas, Filoſofias certas, allegações verdadeiras dos Santos Padres, e Sagrados Expoſitores, e huma indubitavel narraçaõ da Hiſtoria Serafica; tudo, ao que me perſuadi, achey era verdade. Nem eſta minha imaginaçaõ encontrou aquelle conhecimento, que ha muitos annos tenho deſte grande Prègador, e ſubtil Theologo. Neſte engenhoſo Sermaõ com agudeza, clareza, e relevancia eſtà deſempenhado o promettido aſſumpto pelas Sagradas Eſcrituras, e intelligencias dos Santos Padres, e Expoſitores Sagrados. He eſte Sermaõ digno de ſahir a luz, naõ ſò para exemplar de Prègadores, mas ſim tambem para mais affervorar os affectos do ſempre grande, e nunca bem louvado, o Serafico Patriarca S. Franciſco, ſe Rey entre todos os Santos, Santo muy particular para os noſſos Reys, e Monarcas Portuguezes. Naõ contèm couſa alguma, que encontre o Real ſerviço de voſſa Mag. Eſte o meu parecer, V. Mag. mandará o que for de ſeu Real ſerviço. Lisboa Oriental Convento de noſſa Senhora da Graça 11. de Dezembro de 1725.

O Meſtre Fr. Joaõ de Azevedo.

EM

EM LOUVOR

DO PANEGYRISTA

DE HUM FILHO DA MESMA Provincia

SONETO.

COM penna Regia a Cithara tocaſte,
Com doce toque os animos feriſte,
Encantos nos conceitos deſcobriſte,
E voos nas idéas ſublimaſte;
Monarquias de luzes regiſtraſte
La na elevada Eſfera, a que ſubiſte,
Alentos aos pequenos infundiſte,
E com motivo os grandes admiraſte;
Azas te deu a penna, com que foſte,
Naõ Icaro no voo, que emprendeſte,
Mas Dedalo no bem, que a fama goſte:
Pois tambem goſta a fama, que venceſte,
Para que duraçõeſ com o tempo apoſte
Do venturoſo aſſumpto, que lhe déſte.

AO MESMO ASSUMPTO, E DO MESMO Author

SONETO.

MAyor al menor hizo la agudeza
De tu ſubtil ingenio, pues glorioſa
Laurel Ciñiendo, la corona goza
Ciene en fin, que te ſirvió de empreſa;
A la humildad rendida la grandeſa,
El ſolio cede por accion forçoſa
A peſar de la embidia, que nò oſa
Medir con tus ardores ſu tibieſa;
Imperioſa tu voz dexa confuſa
La miſma admiracion, que immortaliza,
Venciendo los encantos de Meduſa;
Si el que coronas da más ſe enthroniza,
Throno darte la Fama nò rehuſa,
Pues tu merito ſus emporios piſa.

Revelaſti ea parvulis. Matth. 11.

HUM Rey o mais poderoſo, hum Rey o mais ſcientifico, hum Rey o mais amante: o mais amante, porque entre os reſpeitos de Soberano ſe deſentranha todo em affectos de benefico quando na doçura da iguaria mais ſaudavel ſe nos participa, e ſe nos communica: *Miſericors, & miſerator Dominus; eſcam dedit timentibus ſe.* O mais ſcientifico, porque tudo alcança, e tudo percebe a ſua admiravel, quanto incomprehenſivel comprehenſaõ: *Omnia autem nuda, & aperta ſunt oculis ejus.* O mais poderoſo, porque ao ſeu imperio ſe ſugeita reverente em ſubmiſsões profundas o Mundo todo: *Totus Mundus ſubjugatus eſt Sacramento Corporis, & Sanguinis Dòmini.*

Pſ. 110. *n.* 4.

Ad Hebr. cap. 4. *n.* 13.

D. Laur. Juſt.

Senhor, deſſa Real, e ſempre Auguſta Mageſtade he que fallo; pois chegando os noſſos obſequios, e as noſſas venerações a tributarvos o titulo de verdadeiro Rey pelo inacceſſivel poder, com que vos oſtentais neſſa Divina, e grandioſa Meſa: *In hac Menſa novi Regis*; vos reconheceremos ſempre por Sacramentado, Rey poderoſo, Rey ſabio, e Rey amante: *In hoc pane reſplendent mirabilia Dei omnipotentis, ſapientis, & amantis.*

Ex Eccl.

Sylv. t. 3. *cap.* 35. *à n.* 74. *uſque ad* 78.

Eſte Rey pois, que no amor extremoſo, na comprehençaõ unico, e ſingular no poder, excede a todos os Reys, e he o Rey entre todos, que merece ſer reconhecido, e venerado pelo Rey de todos os mais Reys:

Reys: *Rex Regum, & Dominus dominantium*; ſe ex-
Apoc.19. n. 16. põem hoje aos noſſos olhos affectivo em honorifi-
com ſua Real aſſiſtencia os affectuoſos applauſos
plauſiveis cultos, que offerecem os noſſos rendimen-
tos a hum Santo, o qual naõ menos que em dous Rey-
nos, entre os mais, de que aquelle Supremo Monar-
ca he com mayor eſpecialidade Senhor abſoluto, ven-
turoſamente adquirio, e logrou a Coroa de Rey de to-
dos os Santos, ficando tambem reconhecido por San-
to de todos os Reys.

Porèm para eu declarar quem he eſte Santo, que
nos dous Reynos eſpeciaes de Chriſto ſe d reco-
nhecer, e propor Santo de todos os Reys, e Rey de
todos os Santos, ſe faz primeiro preciſa a individua-
çaõ deſtes Reynos, em que eſte Santo, ſendo Rey de
todos os Santos, foy tambem Santo de todos os Reys.
Digo pois que ſaõ eſtes dous Reynos Eſpiritual
hum, e material outro, eſte o dos Portuguezes, aquel-
le o de toda a Igreja Catholica; ouçam-me os funda-
mentos, e logo merecerey os creditos.

Que a Igreja Catholica ſeja hum Reyno, e muito eſ-
pecial de Chriſto, ſe verifica daquellas palavras, com
que o Euangeliſta S. Joaõ no ſeu Apocalypſe o inſi-
Apoc.5. num.10. nùa: *Feciſti nos Deo noſtro Regnum*; razaõ, porque,
ſendo hum Rey em hum corpo Monarquico a cabeça
pela ſuperioridade, que diz ás mais partes integraes,
como a Nabuco ſe repreſentou na cabeça de ouro da-
quella famoſa eſtatua compoſta de prata, bronze, fer-
ro, e barro, affirma S. Paulo ſer Chriſto bem noſſo
Ad Eph. 5. n. 23. Cant. 5. num. 11. do myſtico corpo da ſua Igreja a cabeça: *Caput eſt Ec-
cleſiæ*; e cabeça de finiſſimo ouro: *Caput ejus aurum op-
timum.*

E que o Reyno de Portugal ſeja entre os mais Rey-
nos, de que conſta eſte eſferico corpo, o Reyno mais

parti-

icular deſſe Soberano Senhor, o meſmo Senhor em ria noſſa, e bondade ſua o declara aſſim, elegendo-o da deſde os ſeus primeiros principios para Imperio, e Reyno ſeu, confórme a palavra dada ao ſeu primeiro Rey: *Volo in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire; erit mihi Regnum.*

Reſta-nos ſaber agora quem he aquelle Santo, que neſtes dous Reynos de Chriſto foy o Rey de todos os Santos, e he o Santo de todos os Reys? Diga o primeiramente o Cardial Piſano; diz o advertido Panegyriſta. Este Santo hum Patriarca, he hum Profeta, he hum Apoſtolo, he hum Martyr, he hum Doutor, he hum Confeſſor, he hum Virgem; Virgem o mais puro, Confeſſor o mais penitente, Doutor o mais ſcientifico, Martyr o mais conſtante, Apoſtolo o mais zeloſo, Profeta o mais illuminado, e Patriarca o mais poderoſo. *Card. de Piſ. Serm. Sanct. Franc.*

Com mayor individuaçaõ, e ſuperior idèa quer Mayronio dar a conhecer quem eſte Santo ſeja. Eſte Santo, diz o Douto, he hum Anjo, he hum Arcanjo, he huma Virtude, he hum Principado, he huma Poteſtade, he huma Dominaçaõ, he hum Throno, he hum Querubim, e he hum Seraſim; Seraſim no amor, Querubim na ſciencia, Throno na mageſtade, Dominaçaõ no imperio, Poteſtade nas commiſsões, Principado nos reſpeitos, Virtude nas efficacias, Arcanjo na fortaleza, e Anjo no miniſterio. *Doct. illumin.*

Valhame Deos! que naõ parem ainda aqui os elogios, e as excellencias deſte aſſombro da graça, e deſte paſmo da natureza; a mais ſe eſtende a individuaçaõ, com que os Doutos querem amplificar a ſua intelligencia em declararnos com propriedade quem he eſte Santo; mas mais claro o meu S. Bernardino de Sena: Eſte Santo, diz elle, he hũa perfeita imagem da Santiſ- *D. Ber. Sen.*

ſima Trindade, he hum tranſumpto do Eterno Pay' poder, he hum retrato de Deos na Peſſoa do Filho, finalmente he huma imagem do Eſpirito Santo, tendo por privilegio do ſeu merecimento muitas proprieda-des, e naõ menos prerogativas deſſa Divina Peſſoa.

Verdadeiramente q̃ ſe naõ pòde mais dizer! e pare-ce que naõ̃ pòde chegar a mais naõ a affectada exag-geraçaõ, mas ſim a intelligencia ſyncera deſtas doutas Pennas; porèm ainda ultimamente me acabarey de ex-plicar, começando-o aconhecer. Saybaõ em fim que he eſte portentoſo Heroy aquelle, que para admira-çaõ de todo o Mundo foy imagem do Eſpiriro Santo, retrato do Filho, tranſumpto do Pay, Serafim no a-mor, Querubim na ſciencia, Throno na Mageſtade, Dominaçaõ no imperio, Poteſtade nas commiſsões, Principado nos reſpeitos, Virtude nas efficacias, Ar-canjo na fortaleza, Anjo no miniſterio, Virgem o mais puro, Confeſſor o mais penitente, Doutor o mais ſci-entifico, Martyr o mais conſtante, Apoſtolo o mais zeloſo, Profeta o mais illuminado, e Patriarca o mais poderoſo; eu o digo de huma vez, o ſempre inclyto, admirando, nunca aſsàſmente engrandecido, porque a toda a definiçaõ̃ elevado, meu grande Pay S. Fran-ciſco, total objecto deſtas decoroſas veneraçõ̃es, e ſu-perior aſſumpto de taõ̃ Regios cultos.

E que S. Franciſco meu Padre foſſe, e ſeja naquel-les dous Reynos de Chriſto hum Santo de todos os Reys, e o Rey de todos os Santos, he conceito taõ̃ fi-lho do mais acertado diſcurſo, que nas demonſtraçõ̃es deſta verdade eſtabelecerey neſta hora todo o meu de-ſempenho; para o que devemos em primeiro lugar ad-vertir que no preſente Euangelho he Saõ̃ Franciſco muito particular motivo das graças, que Chriſto bem noſſo dá a ſeu Eterno Pay pelos altiſſimos ſegredos,

que

que lhe revelára: *Confiteor tibi, Pater, Domine Cæli, & terræ, quia abscondisti hæc à sapientibus, & prudentibus, & revelasti ea parvulis;* que o nosso Santo seja destas graças o motivo muito particular, o douto Castilho Burgense o expressou assim: *Et revelasti ea parvulis; parvulis pluraliter accipiendo pro parvulo singulari Francisco.* *Burg. hic.*

Prodigiosa interpretaçaõ na verdade! porèm que revelaria a Saõ Francisco o Eterno Pay? O nosso mesmo Santo o declara: *Nemo*, diz Francisco, *ostendebat mihi quid deberem facere; sed ipse Altissimus revelavit mihi*; de modo, q diz o nosso Santo q̃ o que elle obrava, naõ era impulso de conceito humano, mas sim execuçaõ de decreto Divino; era-lhe revelado pela mesma Divindade tudo o que havia de obrar, porque tudo chegou Francisco a merecer. Logo se revelou o Eterno Pay a Francisco o que a outrem naõ revelou, e obrava Francisco conforme os decretos da Divindade, segundo a individuaçaõ, que temos feito dos dous Reynos de Christo com especialidade, dividiremos a empreza deste Panegyrico em duas partes; e pelo que Saõ Francisco obrou, admiralloha a nossa attençaõ em primeiro lugar no espiritual Reyno de Christo Rey de todos os Santos, e em segundo lugar Santo de todos os Reys neste Reyno de Portugal. O primeiro discurso serà todo predicativo por conceituado, e serà o segundo mais academico por historico. Temos exposto o assumpto, vamos ao desempenho da primeira parte. *Seraph. Patriarch. in suo Testam.*

No

No Reyno eſpiritual de Chriſto he Saõ Franciſco o Rey de todos os Santos.

PRimeiramente Rey de todos os Santos he Saõ Franciſco noſſo Patriarca no eſpiritual Reyno de Chriſto, que, como já adverti, he a Igreja Catholica. E certo que eſta concluſaõ tem tanto de verdadeira, quanto nos ha de ficar neſta primeira parte manifeſta. Para o que havemos de conſiderar em primeiro lugar que Deos poz aos Reys na Terra para imagens d[illegible] poder, e para ſombras da ſua ſoberania; [illegible] teve fundamento Hermes Thermegiſto para chamar aos Reys os ultimos dos Deoſes, e os primeiros dos homens: porque entre os homens os primeiros na ſoberania, e immediatos aos Deoſes no poder. O que aſſim advertido, fundemos agora o diſcurſo neſte argumento.

Poz Deos Senhor noſſo aos Reys na Terra por imagens do ſeu poder, e do ſeu dominio: logo no Reyno Eſpiritual de Chriſto aquelle Santo, que mais participou deſſe dominio, e deſſe poder de Deos, he o que ſe deve com eſpecialidade reconhecer pelo mais coroado Rey entre os mais Santos. S. Franciſco entre os mais Santos foy o que mais participou deſſe poder, e deſſe dominio de Deos; logo entre os mais Santos he S. Franciſco o que mais logra a coroa de Rey neſſe eſpiritual Reyno de Chriſto. O argumento conclue formalmente, moſtrando eu ſer S. Franciſco entre todos os Santos o Santo, que mais participou de Deos o dominio, e o poder. O que ſem duvida nos ficará manifeſto, ſe advertirmos que, naõ participando Deos a Santo algum univerſalmente toda a eſfera do ſeu dominio, e do ſeu poder, a communicou com tal pro-

por-

porçaõ a S. Franciſco, que, ſe a eſfera da Omnipotencia Divina he o Ceo, o Purgatorio, o Inferno, e a Terra; ſobre a Terra, no Inferno, no Purgatorio, e no Ceo domina univerſalmente o poder de S. Franciſco. Vamos com individuaçaõ, e clareza.

Que o poder de S. Franciſco univerſalmente domine ſobre a Terra, a meſma Igreja, que na authoridade excede a todos os Padres, o dá a entender, quando affirma que ſobre todas as creaturas teve dominio o poder de hum Saõ Franciſco: *Hic creaturis imperat.* ExOffic. Seraph. Bem que para credito total deſta verdade baſtarà fazermos huma attenta reflexaõ no que referirey agora.

Naceu o noſſo Patriarca no an. de mil e cento e oitenta e dous, Eſtaçaõ taõ terrivel para o Chriſtianiſmo, que parece queriaõ ſobrepujar, e exceder as violencias da malicia humana aos eſtabelecimentos da miſericordia Divina. Via-ſe ſobre a Terra o Reyno Eſpiritual de Chriſto arruinado com malditas ſeitas, deſtruido com abominaveis vicios, e chegava a tanto eſta conſpiraçaõ venenoſa, que inficionado della o Emperador Federico negava a obediencia ao Papa, empenhando-ſe em deſtruir com armas as terras da Igreja, e com ſciſmas os dogmas Catholicos. Na tormenta de tantas calamidades, e no labyrintho de tantas anſias agonizava eſſe Eſpiritual Reyno de Chriſto, quando diſpoz a altiſſima Providencia de Deos que foſſe Saõ Franciſco o Reparador de tantos danos, perſuadindo-o aſſim: *Vade, Franciſce, repara domum meam, quæ labitur.* Vay, Franciſco, e repara a minha Igreja, que ſe arruina.

Dezempenhou Franciſco com taõ heroyca reſoluçaõ eſte decreto da Omnipotencia, ſatisfazendo aos impulſos da graça, que inſtituindo tres Ordens, com eſtas reparou de tal ſórte o Reyno de Chriſto, que a

meſma Igreja ficou reconhecendo, ſe a Chriſto bẽ noſſo por ſeu fundador, por baſe da ſua reſórma a Franciſco; inculcando ſe aſſim Franciſco nas demonſtraçõeſ taõ poderoſo ſobre a Terra, que, ſe o meſmo Chriſto para fundar aquelle Reyno moſtrou ſobre eſſa Terra o ſeu poder todo, como ſe prova daquelle Texto: *Data eſt mihi omnis poteſtas in terra*, qual poder naõ ficaremos reconhecendo em Franciſco ſobre a Terra na reſórma deſſe Reyno; quando muito ſem comparaçaõ mayores ſaõ as difficuldades, que ſe vencem no que ſe reſórma, que no que ſe funda. co aos Eſcriturarios he manifeſto?

Mat. 28. n. 18.

No principio do Mundo formou Deos com hum *Fiat* os Ceos, a Terra, e toda eſta prodigioſa maquina do Univerſo; com huma inſpiraçaõ fez á ſua imagem ſemelhante o homem: *Inſpiravit*; porèm ſó nas aguas ſe deteve, diz S. Jeronymo ſobre as palavras: *Spiritus Dei ferebatur ſuper aquas.* Pois as aguas com tanto vagar, e o mais com tanta preſſa? Sim, diz o grande Tertulliano: *Jam tunc ipſo habitu prænotabatur ad Baptiſmi figuram inſtinctos reformaturum.* Que as aguas ſignificavaõ as do Baptiſmo, em que ſe havia de reformar o homem; por iſſo com as aguas ſe houve *per modum habitûs: Jam tunc ipſo habitu prænotabatur*, e em produzir o mais *per modum actûs.* Os actos, ſabem os Filoſofos, logo paſſaõ; mas os habitos ſaõ humas qualidades intenſionaes, que perſeveraõ. Para Deos formar o Mundo baſtou hum acto: *Fiat*; para formar o homem baſtou huma inſpiraçaõ: *Inſpiravit*; mas para reformar o homem naõ baſtou hum acto, ſoraõ ſim neceſſarios muitos actos, que fazem hum habito: *Ex actibus frequentatis generatur habitus.* Sem duvida, para que entendeſſemos o muito que o reformar por mais difficultoſo ao formar excede.

Gen. 2. n. 7.

Tert. hic

O

O meſmo Deos, que no Paraiſo inſpira: *Inſpiravit*, e o que no Calvario eſpira: *Videns autem Centurio quia ſic clamans expiraſſet.* Marc. 15. num. 39. Vejaõ o que vay de inſpirar a eſpirar, meçaõ o que diſta de padecer huma morte a diſpor huma vida, que tanta diſtancia vay da fórma á refórma. Deos inſpira quando fórma o homem, e quãdo o refórma eſpira. A meſma Igreja Catholica nos cõfirma o conceito no Sacroſanto Sacrificio da Miſſa: *Deus, qui humanæ ſubſtantiæ dignitatem mirabiliter condidiſti, & mirabiliùs reformaſti.* Ex Orat. Eccleſ. Diz que foy admirauel a noſſa creaçaõ, porèm que muito mais admiravel a noſſa refórma.

Se tanto mais admiravel por mais ardua, e difficultoſa he a refórma, que a fundaçaõ, e Chriſto fundando ſobre a Terra o Eſpiritual Reyno da ſua Igreja ſe moſtrou ſobre a Terra taõ poderoſo, vindo Franciſco por commiſſaõ do meſmo Chriſto a ſer ſobre a Terra Reformador do ſeu Reyno Eſpiritual: *Vade, Franciſce, repara domum meam, quæ labitur*, bem ſe acredita o relevante poder, e ſupremo dominio, que ſobre a Terra teve Saõ Franciſco.

Teve, e tem tambem Saõ Franciſco dominio, e poder no Inferno, e ſobre os meſmos demonios; pois elles neſſe abyſmo tenebroſo o reconheceraõ, e moſtraraõ aſſim quando naceu na Terra a luz de Franciſco, como refere o douto Pelbarto: *Tanto lumine reſplenduiſſe fertur, ut dæmones territi putaverunt Judicii diem imminere*; Pelb. Serm. 2. B. Franc. tremeraõ, e temeraõ no Inferno os meſmos demonios, imaginando que era o dia final aquelle dia, em que na Terra naceu para refórma do Mundo aquelle, que tanto havia de poder no Mundo com a ſua refórma.

Entre as viſões admiraveis, que teve Frey Sylveſtre, hum dos primitivos filhos de Franciſco, foy aquella,

12|389

la, em que da boca do Santo vio ſahir huma Cruz de ouro, com que punha em medroſa fugida a hum Dragaõ, que em denſas nuvens de eſcuridades terriveis pretendia ſepultar o Mundo; e como aquelle Dragaõ era o demonio, bem moſtrava aſſim Franciſco o grande poder, que ſobre elle tinha. He o que tambem tinha já previſto o Euangeliſta.

A quatro Anjos, que eraõ quatro demonios, como advertem os Santos Padres com S. Jeronymo, e Santo Agoſtinho, vio o Euangeliſta no ſeu Apocalypſe. e naõ ſendo o ſeu empenho outro mais que m[illegible]-rem aos homens por Mar, e Terra, re[illegible]eu em dizer o Euangeliſta q̃ toda a ira deſtes quatro demonios refreava, e imperioſamente ſuſpendia hum quinto Anjo, que na meſma viſaõ ſe reprezentou clamando contra o deſignio dos quatro: *Et clamavit voce magna quatuor Angelis, dicens: Nolite nocere terræ, & mari.* Ricardo Vitorino: *Clamavit voce magna, quia eorum malitiam magnæ authoritatis imperio refrænabat.* Valha-me o Ceo; myſterioſo Anjo he eſte na verdade, que tanto a favor dos homens ſe oppõem ao demonio! E quem ſerà Anjo taõ admiravel, e que taõ grande dominio tem ſobre eſſes eſpiritos perverſos? Reparemos porèm nos ſinaes, e por elles ſe manifeſtarà o objecto da noſſa admiraçaõ: *Et vidi alterum Angelum, habẽtem ſignum Dei vivi.* Eſte Anjo adornado com os ſinaes do meſmo Senhor he Saõ Franciſco, a quem eſmaltaõ os ſanguinolentos matizes das Chagas de JESU Chriſto: *Significari poteſt beatus Franciſcus per hunc Angelum Stigmatibus Chriſti conſignatus* diz o meu Lyra. E bem, com que era Franciſco eſte Anjo? Pois para que ſe veja o grande poder, e dominio, que Franciſco tem no Inferno, e ſobre os demonios, mande neſta occaſiaõ o Anjo, em que Franciſco ſe reprezenta,

Apoc. c. 7. n. 2.

Ibid.

In ſua Gloſ ad hunc locum.

que cedaõ eſſes eſpiritos perverſos de ſeus intentos malignos, e que ſem demora deixem de moleſtar aos homens: *Clamavit voce magna, &c.*

Se pois tanto aſſim ſobre os demonios, e no Inferno tem Saõ Franciſco poder, e dominio, bem podemos aſſentar que tambem quanto a eſta parte ſe proporciona muito por participaçaõ com a meſma esfera do poder de Deos.

Tem Saõ Franciſco naõ menos poder no Purgato-
Verdade taõ conſtante, que a acreditaõ, e con-
o Cardeal Pizano, Mayronio, Vital, e outros
os, referindo-nos que todos os annos no dia, em que ſe applaude o do ſeu naſcimenro, deſce Franciſco ao Purgatorio, e reſgatando com incrivel gloria as Almas dos ſeus filhos, e dos ſeus devotos, que alli padecem, as leva comſigo para eſſa Gloria incomparavel. Ouçaõ authenticado eſte privilegio da boca do meſmo Chriſto fallando com Franciſco, ſegundo refere o Cardeal Pizano: *Sicut ego in die obitûs mei ad Limbum acceſſi, & meritis, ac virtute Stigmatum Paſſionis meæ Animas, quas inveni, abſtraxi; ſic volo quòd tu in die natalitii tui vadas quolibet anno ad Purgatorium, & omnes Animas trium Ordinum, quas ibidem invenies, in virtute, ac efficaciâ tuorum Stigmatum eruas, & ad gloriam Paradyſi perducas.* Valha-me Deos, ſupremo privilegio na verdade! Mas por iſſo Franciſco com ſingular dominio, e ſoberano poder no Purgatorio, e muito participado de Deos.

Agora perceberemos aquella viſaõ, que no Cap. 1. do ſeu Apocalypſe refere o Euangeliſta; diz que vira entre ſete candieiros de ouro a huma Perſonagem muito ſemelhante ao Filho do homem, iſto he, muito ſemelhante a Chriſto, expõem Sylveira: *Vidi ſimilem Filio hominis, nempe Chriſto, qui paſſim dicitur Filius homi-*

Apoc. 1. Syl. ad hunc locum.

hominis. Entre todos os Santos naõ tem havido outro, que foſſe a Chriſto mais ſemelhante, que S. Franciſco; cauſa, porque o meu Saõ Bernardino de Sena entende eſta viſaõ do Apocalypſe de meu Padre Saõ Franciſco: *Ad hanc quidem pervenit Beatus Franciſcus, ut meritò propter hoc, & expreſſiùs ad literam propter Stigmata ejus, ſimilis Filio hominis.* Ouvi agora o que Franciſco prefigurado neſte ſugeito do Apocalypſe dizia ao Euangeliſta: *Habeo claves inferni.* Eu tenho as chaves do Inferno. Pelo Inferno nas Divinas Letras ſe entende tambem o Purgatorio, e Franciſco, a quem aquella Perſonagem representa, tem as chaves do Purgatorio? Sim; porque, como nas meſmas Divinas Letras pelas chaves ſe decifre o poder, e dominio, para que ſe veja que tem Franciſco dominio, e poder no Purgatorio, diga a meſma Perſonagem, em quem Franciſco ſe reprezenta ao Euangeliſta, que tem deſſe meſmo Purgatorio as chaves: *Habeo claves inferni.*

S. Bern. Sen. t. 2. fol. 636.

Emfim teve, e tem tambem Franciſco poder, e dominio ſobre os Ceos, e tanto ſobre os Ceos ſe attende ao poder, e dominio de Franciſco, que ſaõ as vozes, e as diſpoſições deſte aſſombro do Mundo as que mais reſpeitos merecem, e as que mais attenções adquirem. Diſſe-o o meu Saõ Bernardino: *De Beato Franciſco legitur quòd Angelus dixit ei: Tu commoves Cæleſtem Curiam, quia nullus ibi auditur, niſi tu;* mas naõ he muito que no Ceo moſtre Franciſco entre todos os Bemaventurados todo eſte dominio, e todo eſte poder, ſe entre todos he Franciſco o que no Ceo logra o ſuperior lugar. Naõ pareça encarecimento, que eu naõ tenho de reportarme, nem poderaõ deſmentirme; pois ſey que logra no Ceo Franciſco o lugar mais ſuperior, e o melhor lugar, que todos os Santos,

tos, melhor lugar, que todos os Anjos, melhor lugar, que Maria Santiſſima, e de algum modo melhor lugar, que o meſmo Chriſto. Naõ me julguem temerario, que eu naõ digo mais do que o que poſſo dizer. Attendaõ, e veraõ como he claro, e evidente o que digo.

Digo pois que eſtà Franciſco no Ceo em melhor lugar, que todos os Santos; pois, ſendo no Ceo aos lugares dos Santos ſuperiores os lugares dos Anjos, ſendo os lugares dos Anjos eſtà no Ceo Franciſco: logo em melhor lugar, que os mais Santos. Eſtà S. Franciſco no Ceo em melhor lugar, que os Anjos, pois eſtando Maria Santiſſima no Ceo ſobre todos os Anjos collocada: *Exaltata eſt Sancta Dei Genitrix ſuper choros Angelorum*, o lugar de Franciſco no Ceo he ſuperior ao da Senhora: logo em melhor lugar que os Anjos eſtá Saõ Franciſco no Ceo. Eſtá Saõ Franciſco no Ceo em melhor lugar que a Senhora, pois, eſtando em melhor lugar que a Senhora Chriſto no Ceo, Franciſco de algum modo no Ceo eſtá em melhor lugar que Chriſto: logo eſtá Franciſco no Ceo em melhor lugar que a Senhora. Eſtá Franciſco no Ceo de algum modo em melhor lugar que Chriſto, e ſem duvida nos perſuadiremos a eſta verdade, ſe bem advertirmos no lugar, em que eſtà a Alma de Franciſco no Ceo. A Alma de Franciſco no Ceo eſtá dentro do peito de Chriſto; o que ſe prova daquella viſaõ, que teve hum filho de Franciſco na Provincia da Marca. Dezejou eſte Servo de Deos ſaber o lugar, que occupava no Ceo a Alma do noſſo Santo, diſpoz Deos que para ſatisfazer aquella devota anſia foſſe em viſaõ ao Ceo arrebatado, e correndo com os olhos os Bemaventurados todos, ſem que entre elles viſſe a Alma de Franciſco, todo admirado, e confuſo exclamou:

Ex Offic. Aſſumpt. B. Virg.

mou: Que he iſto, naõ eſtà no Ceo a Alma de meu Seraſico Padre, que he feito daquelle exemplar da pobreza, daquelle paſmo da penitencia, daquelle Crucifixo vivo, eſtampado com os ſinaes da redempçaõ do Mundo? Mas oh prodigio raro! Levantou Chriſto o braço direito, e moſtrou-lhe dentro no ſeu Lado a Alma de Franciſco.

Agora deduzo eu eſta concluſaõ. A Alma de Franciſco no Ceo eſtà no Lado de Chriſto: vem logo a eſtar no Ceo em melhor lugar do que Chriſto a Alma Franciſco; porque naõ ſó vem a eſtar no lugar que Chriſto eſtá, mas o meſmo Chriſto no Ceo vem a ſervir de lugar. Bem ſabe o Theologo que fallo aqui *de loco pro materiali, ideſt, pro continente locatum; non verò pro maiori, vel minori intentione graduum gloriæ*: que neſte ſentido naõ ſe pòde Franciſco comparar com Chriſto, nem ainda com a Senhora; porèm no primeiro ſentido he infallivel a verdade da concluſaõ.

Notãd. valde.

Verdadeiramente que eu naõ ſey pudeſſe remontarſe a mais o merecimento deſte aſſombro da natureza! Mas, ſe tanto aſſim ſe enthronizou Franciſco, ficando preminente a todos os Bemaventurados no Ceo, que muito ſeja o Bemaventurado, que mais participe entre todos daquelle Divino, e ineffavel poder? Antes aſſim ſe devia affirmar, para reconhecermos participou Franciſco tanto deſſe poder Divino mais que os mais Santos, que tendo o Divino poder por eſfera Ceo, Terra, Purgatorio, e Inferno, do poder de Franciſco por participaçaõ he a meſma eſfera do Inferno, Purgatorio, Terra, e Ceo. E ſe todos os Santos, que no eſpiritual Reyno de Chriſto tem havido, aquelle, que mais chegou a participar deſſe Divino poder, he o que entre os mais deve acclamarſe Rey

co-

coroado, por fazer Deos na Terra aos Reys humanos imagens do ſeu poder, digamos, que dizemos bem, he Franciſco no myſtico Reyno da Igreja Catholica o Rey de todos os Santos.

Aſſim he; e, ſe ainda para eſta concluſaõ he neceſſaria prova, que a confirme, efficaciſſima a temos em hum ſingular privilegio a outro Santo naõ concedido mais que ao noſſo grande Patriarca; e vem a ſer o conſervarſe ainda hoje em pè depois do ſeu tranzito glorioſo o Corpo de Franciſco ſobre ſeu veneravel ſe-

Eu naõ reparo em que eſteja depois de tantos annos inda, e ainda incorrupto aquelle corpo prodigioſo: porque ſey que neſte myſtico Reyno de Chriſto ſaõ muitos os Santos, que lograõ eſta eſpecial prerogativa, com que os ſinala a pròvida Omnipotencia. Noto ſim por ſingulariſſimo, e portentoſo milagre, e favor ſupremo, que, ficando nas ſepulturas proſtrados eſſes corpos, ainda que incorruptos, e inteiros, o Corpo de Franciſco ſe naõ viſſe proſtrado na ſepultura, mas ſim ſe conſerve em pè, ſervindo de admiraçaõ a todos a eſpecialidade deſte portento! E pois ha de eſtar em pè na ſepultura o Corpo de Franciſco, eſtando proſtrados nas ſepulturas os Corpos dos mais Santos? Sim; para daqui inferirmos ao diſcurſo a confirmaçaõ genuina de que neſte eſpiritual Reyno de Chriſto he Saõ Franciſco Rey de todos os Santos.

Sonha Joſeph o filho de Jacob que ſeus irmãos o adoravaõ, ſymbolizados aſſim eſtes, como o meſmo Joſeph em huns manipulos de trigo; refere a ſeus irmãos o ſonho, e delle tiraõ por legitima eſta conſequencia: *Numquid Rex noſter eris?* has de por ventura ſer noſſo Rey? Myſterioſa illaçaõ! E qual ſerà deſta illaçaõ myſterioſa o motivo, com que fundamento Gen. 37. n. 7. Ibid. n. 8.

pre-

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Biblioteca Central

15|S89

preſuppõem em Joſeph a coroa, ſenaõ tem por antecedencia mais que huma fantaſia? Com cauſa razoavel. Diz o Texto que na conta, que Joſeph lhes dera do ſonho, que teve, lhes declaràra tambem que elle em quanto ſymbolizado no manipulo de trigo ſe ſingularizava na circunſtancia de ficar em pè, quando elle nos mais manipulos comprehendidos ſe viaõ por terra proſtrados, dizendo neſta ſubmiſſaõ os motivos da ſua eminencia, pois o adoravaõ no paſſo, em que ſe ſubmettiaõ: *Et quaſi conſurgere manipulum meum, & ſtare, veſtroſque manipulos circunſtantes adorare pulum meum.* Todos ſabem que os manipulos de trigo ſaõ como deſpojos, que corta a morte, digo, que corta a foice, o mais proprio jeroglyfico da morte; pois como Parca de ſua vegetavel vida, roubando-lhes os alentos, porque reſpiravaõ ufanos, os deixa por terra proſtrados. Porèm naõ obſtante preſupporſe tambem aſſim o de Joſeph rendido, quando devia, como os mais, ficar proſtrado, vemos que ſe achou em pè ſobre a terra: *Quaſi conſurgere manipulum meum, & ſtare.* Manipulo cortado da terra dos viventes, ficando em pé como vivente naõ cortado da terra? Em Joſeph foy ſombra, porèm deſta ſombra o corpo he o corpo de Franciſco, que depois que a morte o deſtituhio dos alentos da vida, foy, e he elle ſó entre os mais o que ſobre a terra ficou ſem ſe proſtrar, como por demonſtraçaõ de que triunfava com melhor vida deſſa terrivel morte. E pois ſe em figura deſta realidade foy Joſeh entre ſeus irmãos Rey inferido, porque naõ reconheceremos nòs a Franciſco realidade daquella figura, entre os mais Santos Rey coroado?

Eu cuido que a eſte diſcurſo me poraõ huma duvida de alguma fórte para mayor credito do noſſo Santo bem fundada, porèm para naõ menor gloria do penſamento

mento ſem muito trabalho ſatisfeita. Diráõ pois que, ſuppoſto houveſſem neſte Eſpiritual Reyno de Chriſto muitos Santos, que naõ foraõ Reys, tem havido muitos Reys, que foraõ Santos; como pòde ſer pois Franciſco de todos os Santos Rey? Boa he a duvida, mas genuina ao noſſo intento a repoſta: porque niſſo conſiſte a mayor ſoberania de Franciſco, que na Igreja naõ ſó deve ſer reconhecido, e venerado Rey daquelles Santos, que naõ foraõ Reys, mas tambem ve-[illegible], e reconhecido Rey daquelles Reys, que fo-[illegible]os.

Os primeiros Reys Santos, que depois de Chriſto vir ao Mundo conheceu o reſpeito Catholico, foraõ os tres, que adoràraõ ao meſmo Chriſto nacido no Preſepio. Attendamos agora ao que refere Soria fallando deſtes Reys Santos pelo que toca a Franciſco: *Cùm ſanctiſſima trium Regum corpora delata eſſent in quodam Dormedario, miraculoſè ſe inclinavit, & genuflexit, ut Franciſcum adoraret.* De ſórte que trasladando-ſe os corpos daquelles meſmos tres Reys Santos, como a inconſtancias do mais indomito elemento ſe viſſem naufragar entre os perigoſos combates de huma terrivel tormenta, foraõ pelos impulſos deſta conduzidos á Cidade de Aſſis, collocados dentro de tres urnas ſobre hum Dormedario, que ſem humano norte, e ſó por ſuperior inſtincto encaminhou os paſſos ao eſtabulo, onde ſe achava Franciſco recem nacido, e cõ aſſombros dos circunſtantes ſe proſtrou por terra, inclinando-ſe reverente, diſpondo-o aſſim a Divina Providencia, para que Franciſco ſe viſſe adorado dos meſmos Reys em ſuas milagroſas cinzas, que adoràraõ a Chriſto Senhor noſſo. Agora digo eu. Toda a adoraçaõ diz dous reſpeitos, hum de inferioridade em quem adora, outro de preeminencia na peſſoa adorada:

Soria in Vita S. Franc. p. 4. c. 34.

16|587

da: logo, ſendo Franciſco adorado pelos tres primeiros Reys, que foraõ Santos depois de Chriſto vir ao Mundo fundar a ſua Igreja, porque naõ diremos que naõ ſó por ſuperior aos Santos, que naõ foraõ Reys, he Franciſco Rey de todos os Santos, mas tambem por preminente aos Santos, que foraõ Reys, he Rey deſſes meſmos Reys o noſſo Santo? Certo que aſſim o devemos reconhecer, e por ultima concluſaõ confeſſar que atè agora naõ houve Rey, que Santo ſe aſſemelhaſſe ao noſſo Santo Rey.

Eu reparey em affirmar o Sagrado Texto no Capitulo 49. do Eccleſiaſtico que naõ houvera na terra quem na dignidade, e grandeza ſe comparaſſe a Joſé, Principe que foy do Egypto: *Nemo natus eſt in terra, ut Joſeph*; e muito mais me admira a razaõ: *Quia natus eſt homo Princeps fratrum*, porque naſceu para Principe de ſeus irmãos.

Eccleſ. 49. n. 17.

Ibidem n. 18.

E pois por Joſeph ſair a luz para Principe de ſeus irmãos, o ha de avaliar o Eccleſiaſtico taõ ſingularizado na ſoberania, e mageſtade, que naõ pòde deſcobrir entre os meſmos Principes outro, que com elle ſe compare, ou que com elle nos merecimentos compita. Sim; porque os irmãos de Joſeph todos eraõ Principes, e cabeças das ſuas Tribus no Reyno de Iſrael, como o meſmo Texto adverte: *Principes Tribuum filiorum Iſrael*: Logo naſcendo Joſeph para Principe de ſeus irmãos: *Quia natus eſt homo Princeps fratrum*, e ſendo no Reyno de Iſrael todos ſeus irmãos Principes, vinha a ficar Joſeph ſendo Principe de Principes na Terra, iſto he, no Reyno de Iſrael, que com eſpecialidade ſe reconhecia naquelle tempo Reyno de Deos. E com hum Principe, que no Reyno de Deos he Principe de Principes, naõ ha de haver quem na grandeza, e mageſtade poſſa compararſe, ou chegue

medirſe: *Nemo natus eſt in terra ut Joſeph: quia natus eſt homo Princeps fratrum.*

Se pois Joſeph, por ſer Principe de Principes, foy hum ſem ſemelhante na mageſtade, e grandeza; tendo no eſpiritual Reyno de Chriſto Franciſco meu Patriarca entre todos os mais Santos a coroa de Rey, e naõ ſó a reſpeito daquelles Santos, que naõ foraõ Reys, mas tambem a reſpeito daquelles Reys, que foraõ Santos, porque naõ direy eu, que naõ houve, nem neſt myſtico Reyno de Chriſto tivemos ainda Rey ſem hante? Ora aſſim o devemos todos reconhecer; que naõ ſe eſtendem, ou remontaõ a menos as exaltações de Franciſco pelo que na vida exerceu, naõ obrando por dezempenho do Euangelho mais que o que o meſmo Deos lhe revelou: *Ipſe Altiſſimus revelavit mihi quid deberem facere. Revelaſti ea parvulis: parvulis pluraliter accipiendo pro parvulo ſingulari Frãciſco.*

No Reyno de Portugal he Saõ Franciſco o Santo de todos os Reys.

EM ſegundo lugar foy, e he tambem o meu Patriarca hum Santo de todos os Reys; e ſem duvida que, ſe a formalidade da empreza me naõ coarctàra os lances do diſcurſo, ou naõ contivera os paſſos ao penſamento, ſubiraõ as demonſtrações de ponto para o mayor credito do emprego, ſendo-o ao aſſumpto, cõ ſingular circunſtancia, eſte Reyno dos Portuguezes, por ter no Mundo elemental a eſpecialidade de eleito pelo meſmo Chriſto para Reyno ſeu; ainda que creyo naõ houve atè agora Rey entre os Chriſtãos depois

que

17/589

que Saõ Franciſco foy objecto das admirações de todo o Mundo, de quem Franciſco naõ foſſe Santo o mais venerado nos cultos, e o mais ſeguido nos affectos.

Nem eſta verdade para o conceito de todos neceſſita de prova, que naõ ſeja a meſma experiencia, acreditada com mayor aſſombro no acatamento imponderavel, que naquelle grande terror do Mundo pelas armas, o Solimaõ, achou o noſſo Santo; pois nos conſta que, tendo-o retratado ſobre o ſeu leito para mulacro da ſua veneraçaõ, deu lugar a hum Embayxador de Veneza a novidade, a que expendeſſe por demonſtraçaõ intelligivel o reparo, a q̃ ſatisfez o meſmo Solimaõ com acerto, dizendo-lhe: Que quem tinha poder para ſuſtentar debayxo do eſtandarte do ſeu amparo ſó com a clamoroſa voz do ſeu nome taõ extenſa, e quaſi innumeravel familia, como lhe era notorio, era digno de que em todo o Mundo foſſe reſpeitado, e reconhecido por grande entre os Monarcas, e ainda daquelles, a quem por inimigos da Chriſtandade lhes naõ incumbia ſacrificar affectos aos que naõ contavaõ por idolos.

Porèm deixando eſtas, e ſemelhantes ponderações, por naõ fugir da formalidade do diſcurſo, que na ſegunda parte deſta empreza nos obriga a refutar o que naõ for extracto do muito, que na eſtimaçaõ dos noſſos ſereniſſimos Reys de Portugal foy unico, e ſingular o noſſo Santo, eſtabeleçamos a verdade deſte conceito neſtas evidencias.

Naõ tem havido Rey em Portugal ha quinhentos e onze annos, tempo em que Saõ Franciſco entrou neſte Reyno; eſteve na Cidade da Guarda; foy à Villa de Guimarães; onde para moſtrarſe agradecido à caridade, que hum devoto lhe fizera, naõ pode ter occulta a effi-

efficacia da ſua virtude; pois ſe lhe preſentou por objecto della, para tornalla das horroroſas ſombras da morte á luz da vida, huma filha daquelle, que deſintereſſado na acçaõ de caritativo, lucràra tanto favor venturoſo. Paſſou depois a Braga, da hi a Ponte de Lima: eſteve na Cidade de Bargança, que naquelle tempo era Villa; e naõ ſem providencia muy attendivel fundou preſencialmente nella o ſeu primeiro Convento entre os mais, que veyo a ter neſte Reyno, felice prognoſtico, que entaõ vaticinára o aſylo, que na P al protecçaõ de taõ illuſtre ſolar haviaõ de ter ſeus filhos neſte Reyno com os preſentes, e repetidos beneficios, que recebem. Paſſemos pois deſtas evidencias ao noſſo argumento.

Naõ tem havido, como diſſe, Rey em Portugal deſde que Franciſco entrou neſte Reyno, a quem ſeus venturoſos filhos naõ devaõ, e naõ confeſſem ternas demonſtrações do affecto, com que ſempre foraõ tratados, e attendidos, eſpecialmente neſte para todos os Menores o mayor tempo: logo foy Franciſco, e he ſempre no Reyno de Portugal o Santo de todos os ſeus Reys. Naõ retardaremos a ponderaçaõ á infallibilidade deſta conſequencia; porèm vejamos em primeiro lugar como he indefectivel o antecedente, iſto he, o naõ ter havido Rey em Portugal, de quem naõ foſſem ſempre, e ao preſente muito mais, os filhos de Saõ Franciſco.

O que ſe prova com evidencia manifeſta do muito que os noſſos ſereniſſimos Reys nos honràraõ; dos muitos Conventos, que neſte ſeu Reyno com urbanidade, agrado, e grandeza nos fizeraõ; que parece reputaõ por timbres da Mageſtade eſtes lances da benevolencia. Das repetidas vezes que nos meſmos Conventos aſſiſtiraõ, fazendo throno da humildade, naõ

ſey

ſey ſe por acinte à emulaçaõ: do magnanimo deſvelo, com que nos foraõ ſempre proſpero refugio: do quanto ſe reſignavaõ nos acordos daquelles, que para as acções do eſpirito elegiam.

Diga-o ElRey D. Sancho II. tendo, e conſervando por Confeſſor a hum filho de S. Franciſco. Tres filhos de Franciſco lográraõ eſte exercicio com ElRey D. Diniz muito à ſatisfaçaõ do ſeu interior, honrando-lhes com a voz do credito o deſvelo do cargo, favor que anima ao meſmo paſſo que premeya. Dous tiveraõ eſta meſma fortuna com ElRey Dom Affonço o IV. ElRey D. Pedro I. fez grande no conceito attencioſo a hum pequeno na profiſſaõ apertada, ainda que nem por iſſo a pequenhez perigou na vãagloria, nem a grandeza na humildade. ElRey Dom Fernando obſervou tambem eſtes documentos anteriores com as honras, que na meſma occupaçaõ permittio a dous filhos da Ordem. Com mayor gloria, e credito della ſe contàraõ a ElRey Dom Joaõ o I. ſeis Confeſſores, todos filhos do noſſo grande Padre: parece que porfiava em honra noſſa a Regia benevolencia contra os deſvarios do tempo, que naõ ſey ſe invejoſo pretendia embaraçarlhe os benignos affectos, que naõ pudera deſmentirlhe. ElRey D. Duarte teve tres, e dous ElRey Dom Affonſo V. Monarca, de quem o Convento de Saõ Franciſco de Lamego recebeu taõ repetidas mercés, e favores taõ relevantes, que ſem eſtreitar os ambitos da ſua grandeza, parece que ſò a li queria erigir padrões á ſua magnanimidade.

O Convento de S. Franciſco da Cidade de Coimbra vio-ſe competindo nas eſtimações com as do mais venerado, e ſumptuoſo, fazendo-ſe acclamar nelle Rey de Portugal por todos os Eſtados do Reyno ElRey Dom Joaõ o I. Naõ menor gloria permittio ao

Con-

Convento de Saõ Franciſco da Villa de Santarem com o acto de jurarſe Rey nelle D. Joaõ o II. Soberano, taõ affectuoſo amante da noſſa Ordem, que ſe empenhou em acreditalla com a ſucceſſiva aſſiſtencia, que fez em hum Convento de S. Franciſco na Villa de Setubal, rendendo-lhe tambem neſte ſolenniſſimamente as graças pelo triunfo, que conſeguio a ſua vida do mais fatal, quanto evidente perigo. ElRey D. Joaõ o III. ElRey D. Manoel, o ſereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. de feliz recordaçaõ, o muito alto, e poderoſo Rey D. Pedro II. foraõ taõ affectivos em beneficiarnos com taõ Real magnificencia, e com amor taõ ineffavel, que ainda que emnòs ſejaõ eternas as confiſſões, nunca ſeraõ cabaes os agradecimentos, porque lhe ſobreexcedem ſempre infinitos aquelles favores.

Pondere-ſe aqui por complemento deſta eſtricta comprovaçaõ a clemencia, com que o famoſo Rey D. Sebaſtiaõ, eſtimando tambem por Confeſſores a dous Religioſos da noſſa Ordem, ſe dignou de honrar os filhos deſta Provincia da Arrabida com mercè taõ ſuperior, e taõ publica, que podia deſpertar a emulaçaõ mais adormecida a vozes da inveja mais juſta, ſe o toſco ſayal, de que faz gala a noſſa ſubmiſſaõ, pudeſſe ſer emprego de calumnias ao meſmo paſſo que foſſe receptaculo de vãaglorias: pois elegeu aquelle ſereniſſimo Monarca para a acçaõ de lançarlhes o Habito de Chriſto, como ſem duvida lançou no Convento da Provincia da Piedade no Cabo de S. Vicente, a hum Religioſo, q̃ havia ſido o primeiro Noviço deſta Provincia, Fr. Pedro Lagarto, honra, a que devem ceder as que ſobem de ponto no conceito.

Naõ declaro agora a multiplicidade de Conventos, a que neſte Reyno deraõ glorioſo principio, e memoravel fim os noſſos Reys, lançãdo peſſoalmente em muitos

tos a primeira pedra, baſe que ſerve de felicitarlhe eterna a duraçaõ. Nem individuo as grandioſas eſmolas, com que ſempre os ſoccorreraõ, affecto muy filho de huma entranhavel piedade, que em todo o tempo exercitàraõ. Nem digo com diſtincçaõ os ſucceſſivos Frèg dores, e Conſelheiros, a que deſta noſſa Ordem aſſentiraõ. Nem os muitos Biſpos, e Arcebiſpos, com que tem nella exaltado os creditos de hum merecimento humilde; porque ſobre ſer pratica muy diffuſa, he empreza para novo aſſumpto. Porèm quem quizer ſaciar o appetite attencioſo da curioſidade, recorra á hiſtoria Serafica de Portugal, que a mim baſtame para coroa, e remate deſte ſublime extracto dizer que os ſereniſſimos Reys, Rainhas, e Principes deſta Monarquia honraõ ſempre com devota veneraçaõ a Terceira Regra da Penitencia, profeſſando-a, e dizendo-nos aſſim reſpeito pelo Inſtituto Serafico.

Mas, ſe taõ honorificos favores, e incomparaveis beneficios tem recebido a Ordem nos tempos paſſados de todos os noſſos Reys neſte Reyno de Portugal, que direy eu agora, ſem muita, e preciſa admiraçaõ, dos que ſe nos participaõ no preſente tempo? Sem duvida que a naõ offenderſe a exemplariſſima modeſtia do mais alto, o mais ſoberano, e o mais poderoſo Rey, que por innumeraveis annos, e com proſperidades immenſas nos guarde para gloria ſua o Rey de todos os Reys Deos Senhor noſſo, diria que nunca mais que agora ſe viraõ os filhos de Saõ Franciſco com exceſſo honrados, e com extremo favorecidos; ſe bem que entre todos com obrigaçaõ mais evidente, e com imponderavel ſingularidade os que neſta Provincia da Arrabida vivemos, cheyos, naõ do vaidoſo ar, que pudera communicarnos a repetiçaõ de tantas graças, mas ſim do cabal reconhecimento, que chega a propornos

pornos a indignidade a tantas honras.

Oh mais que ditoſa Provincia! E quem diſſera, que naſcendo la nas aſperezas deſſa ſerra, havias de merecer eſta dita? Quem ajuizàra que a voz da tua humildade chegaria a fazer ecco taõ ſonoro nas attenções de hum reſpeito taõ profundo, ſe medidas as diſtancias, parecem incompoſſiveis as tuas vehemencias? Quem ſe perſuadiria que contando jà hoje cento e oitenta annos de vida, moſtrarias taõ fortalecidos alentos a quem te ſuppuzeſſe jà em rigoroſos deſmayos? Porèm tudo pòde a Regia influencia, e a ſoberana protecçaõ do mais ſublime Aſtro, para que a todos inculques, e perſuadas indiſputavel a tua perpetuidade. Muito parabem te ſeja dita taõ relevante, e fortuna taõ preeminente: colloca-te muito ambora neſſe Emporio de felicidades ſem q̃ deſvanecida paſſes a vãaglorioſa, ainda que muito a pezar dos ſopros da emulaçaõ; pois em quanto amparada das eminencias daquelle Olympo preexcelſo, naõ teràs que temer os corruptiveis vapores da terra, e ſó ſim que lograr os parabens, e as acclamações de unica, que todos te repitaõ, em quanto eu proſeguindo a formalidade do meu diſcurſo paſſo a diſcutir as ponderaveis circunſtancias daquelle meu primeiro argumento.

Porque ſuppoſto, e bem advertido o que nos fica manifeſto, e he, naõ haver atè agora Rey em Portugal deſde que S. Franciſco nelle entrou, de quem, e ao preſente muito mais, naõ foſſem ſeus filhos; antecedente do noſſo argumento. Aqui ſe reconhecerà agora claramente a infallibilidade da conſequencia, que naõ era outra mais que o ſer S. Franciſco neſte Reyno de Portugal o Santo de todos os Reys, o que ſe prova com evidencia *ex vi* do meſmo antecedente: porque, como delle pelo que fica referido nos conſte

ſerem

ſerem os filhos de Franciſco aquelles, que aos noſſos Reys devem tantos beneficios, e tantos favores, claro eſtâ, que entre todos os vaſſallos deſta Monarquia ſaõ de Franciſco os filhos tanto mais dos noſſos Reys, quanto entre todos os mais obrigados. Todos eſtes favores, e todos eſtes beneficios, que ſempre nos fizeraõ, e de que com noſco uſáraõ, foraõ em obſequio, e por reſpeito de Franciſco noſſo Patriarca: logo devemos reconhecer a Franciſco hum Santo todo dos noſſos Reys, porque aos noſſos Reys he mais que todos obrigado o noſſo Santo; pois he inqueſtionavel, que os favores, beneficios, graças, e honras, que aos filhos ſe fazem, e ſe participaõ aos filhos em obſequio, e por reſpeito dos pays, obriguem ainda muito mais, e com mais efficacia aos pays, do que aos meſmos filhos.

Vay, Abrahaõ, a hum monte, que eu te hey de
Gen. 22. n. 10. moſtrar, lhe diſſe Deos, e faze-me ſacrificio de Iſac. Obedece Abrahaõ ſem repugnancia; mas ao levar da eſpada para deſpedir o golpe: *Arripuit gladium*, acode hum Anjo, e lhe ſuſpende ao impulſo o paſſo: *Ne extendas manum tuam ſuper puerum.* Reparey eu em que, fazendo Deos pela acçaõ deſte Anjo o favor, e beneficio a Iſac, eſcuſando-o da morte, que lhe ficára pendente do fio da eſpada, com que Abrahaõ lhe ameaçou a vida, nos dè a entender o Sagrado Texto o muito, que por eſte beneficio ſe reconhecera a Deos obrigado Abrahaõ, e naõ Iſac; pois naõ conſta deſſe meſmo Texto que Iſac fizeſſe demonſtraçaõ alguma de favorecido, e Abrahaõ ſim no holocauſto, com que pretendeu moſtrar a Deos o ſeu agradecimento. Pois por certo que naõ era Iſac ainda taõ menino, que
Alapid. hic fol. 194. naõ tiveſſe os ſeus vinte e ſinco annos, idade mais que ſufficiente para advertir na grande obrigaçaõ, que ha-

via

via contrahido: logo como he Abrahaõ, e naõ Iſac o que retribue o agradecimento, e o que mais reconhece a obrigaçaõ? Foy o caſo, que o beneficio ſim ſe fez a Iſac, mas participouſe-lhe por reſpeito de Abrahaõ, como diz o Alapide. Era Abrahaõ pay de Iſac; pois ſeja muito embora Iſac o favorecido, que Abrahaõ he o que ſe ha de moſtrar obrigado: para conhecermos, e confeſſarmos aſſim que os favores, e beneficios, que ſe communicaõ aos filhos por reſpeito dos pays, obrigaõ ainda muito mais aos pays, do que aos filhos.

Se pois tanto ainda mais obrigaõ aos pays, que aos filhos os favores, e beneficios, que a eſſes filhos ſe fazem por reſpeito, e em obſequio dos pays, participando ſempre os Reys de Portugal em obſequio, e por reſpeito de Franciſco a ſeus filhos tantos beneficios, e tantos favores, como já ponderey, bem ſe fica percebendo o muito que eſtarà obrigado aos noſſos ſereniſſimos Reys de Portugal aquelle Pay por quem ſe fazem dignos de tanta urbanidade huns filhos pelo merecimento indignos a tanta gloria, o que he ſem duvida; razaõ, porque todo dos noſſos Reys he S. Franciſco. Nem iſto para mim he aſſumpto da mayor admiraçaõ; pois outro principio evidentiſſimo me moſtra ſer S. Franciſco tanto hum Santo dos noſſos Reys, que nenhum Santo he tanto dos noſſos Reys, que S. Franciſco. Eu o moſtro, e acabo o Sermaõ.

Todos ſabemos que aos noſſos Reys de Portugal deu Chriſto Bem N. as ſuas Chagas por Armas de modo, que contèm em ſi as Armas dos noſſos Reys de Portugal infixas, e reconcentradas as cinco Chagas de de Chriſto Bem. N. Bem: retrato deſtas cinco Chagas em quanto Armas, ſó Franciſco entre todos os Santos o logra: porque o meſmo Redemptor do Mundo retratou ſingularmemte em S. Franciſco as ſuas Chagas, como

como por glorioſo brazaõ de ſuas Armas: aſſim o refere o Biſpo Januenſe: *Chriſtus dedit beato Franciſco Stigmata ſua tanquam arma.* Pois ſe em quanto Armas ſe retrataõ nas Chagas de Franciſco de Chriſto as Chagas: *Tanquam Arma*, e ſó dos noſſos ſereniſſimos Reys de Portugal ſaõ as Armas o retrato das Chagas de Chriſto, bem ſe deixa ver que ou as Chagas de Frãciſco ſaõ as Armas dos noſſos Reys, ou, e ainda melhor, que S. Franciſco pelas Armas das ſuas Chagas he entre todos os Santos o Santo muito particular dos noſſos Reys, porque eſtes ſómente tem o retrato das Chagas de Chriſto por Armas.

Vorag. Serm. 1. Stigm. S. Franc.

Sem duvida q̃ nos naõ póde ficar eſta verdade mais evidente; mas por ſer tudo aſſim, bem podemos concluir o diſcurſo, affirmando que, ſe Franciſco no Reyno eſpiritual de Chriſto foy Rey de todos os Santos, neſte Reyno de Portugal he o Santo de todos os Reys; exaltações, realces, e preeminencias, que conſeguio naõ menos em hum, que em outro Reyno pelos ſeus merecimentos eſtabelecidos no que obrou em deſempenho do Euangelho, naõ excedendo o que o Eterno Pay lhe revelàra: *Ipſe Altiſſimus revelavit mihi, &c. Revelaſti ea, &c.*

Omnipotente Deos, altiſſimo Monarca, e Senhor o mais Soberano, fallando com eſſa Mageſtade principiey o Sermaõ, e como ſois de todas as couſas principio, e fim: *Alpha, & Omega; principium, & finis*, juſto he que tambem o acabe fallando com eſſa meſma Mageſtade. Jà eu adverti, Senhor, vos tinhamos hoje preſente por Sacramentado o Rey mais poderoſo, o Rey mais ſcientifico, e o Rey mais amante; o que a todos he taõ evidente, quanto he manifeſto a todos o muito q̃ vos moſtrais empenhado em dar a eſte dia do noſſo Patriarca com a voſſa Real aſſiſtencia os creditos,

tos, que chegaõ a preelevarlhe os cultos; ſendo timbres da voſſa grandeza os affectos daquella humildade, para que aſſim ſe reconheçaõ ſem hyperbole encarecidos os merecimentos, que eu naõ deixo cabalmente exaggerados.

Agora pois em abono da indefectivel obrigaçaõ, em que os ſeus filhos nos conſideramos pela dita, que reconhecemos, eu em nome de todos, ainda que para todos indigno de nome, me proſtro reverente aos pès deſſe Throno, e fazendo delles aras, onde como victima em acçaõ de graças ſacrifique do coraçaõ os affectos, fervoroſamente, e com extremoſa anſia vos agradeço as repetidas honras, e incomparaveis mercès, que a toda eſta Provincia, em particular, e geralmente a toda a Ordem Serafica, participa a voſſa inacceſſivel grandeza, proteſtando que tudo o que naõ for ſatisfazer aos agrados deſſa preexcelſa Mageſtade, encontrará na noſſa attençaõ infallivel a mais juſta diſplicencia: e dilatando os ambitos deſte noſſo agradecimento, ſerà ſempre confórme aos dictames da voſſa vontade o noſſo affecto; valendo de irrefragavel teſtimunho a eſte proteſto o dizer agora, e o repetir em todo o tempo, que nem Franciſco meu grande Pay pòde ſobre a terra ter mais honorificos applauſos, que os que ſe lhe conſagraõ neſte Convento, deduzidos da felicidade, que a voſſa preſença lhe permitte, e a todos ſeus filhos, que com inexplicavel deſvanecimento a lograõ: pedindo-vos nos deixeis chegar todos a vervos, como fideliſſimos vaſſallos a eſſa Mageſtade Suprema, neſſa Gloria.

FIM.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Biblioteca Central
BIBLIOTECA 21 MAR. 41 Nº de Peç. 2.678

BIBLIOTECA